

O VÍDEO COMO RECURSO MEDIADOR DO EXERCÍCIO DE REFLEXIVIDADE SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Francisca da Costa Brito - Mestranda do PPGEd/UFPI¹

O vídeo como instrumento de formação

As mudanças sociais ocorridas nas duas últimas décadas têm exigido dos profissionais da educação nova postura frente ao processo ensino-aprendizagem. Uma das perspectivas apontadas como princípio para a existência de transformações na prática docente é o investimento na formação. Ribeiro (1999, p.119) corrobora com essa idéia ao afirmar que: “a transformação da escola passa necessariamente pela transformação daqueles que trabalham dentro dela e que constituem um dos segmentos mais importantes para a vida da escola - os professores”.

Para esse autor, o professor é eixo central da escola, em cujas mãos está a maior parcela de responsabilidade pela mudança na vida da escola, por essa razão defende que esse profissional precisa desenvolver a capacidade de autoformação. Nesse sentido, aponta que o professor deve buscar informações que atendam suas reais necessidades, procurando estar em sintonia com a formação que o faça refletir sobre a realidade em que atua, ofereça-lhe bases teóricas que fundamente e subsidie a transformação da prática e o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Placco (2006, p.251), nesta direção, argumenta que se o professor tem como função “formar cidadãos plenos, capazes de intervenção digna, produtiva, consistente na sociedade, este deve ser, então, o foco de sua formação” [...]. Nesse sentido, essa proposição desperta a necessidade de a formação se constituir em processo contínuo. Nessa perspectiva, García (1999) evidencia que a formação se constitui em processo contínuo que acompanha o professor durante toda sua trajetória profissional, envolvendo desde a formação inicial à continuada. “Nesse processo, um contínuo movimento da teoria a prática e vice-versa possibilita o envolvimento do profissional inteiro no seu próprio processo de construção e reconstrução.” (PACCO, 2006, p. 257).

A formação de professores tem sido alvo de várias discussões em que são apontadas alternativas que favorecem a construção e a reconstrução da ação docente.

¹ Supervisora escolar da Secretaria Municipal de Educação de Teresina – PI e professora do Centro de Ensino Superior de Timon/UEMA – MA.

Nessa direção, o vídeo pode ser utilizado como importante estratégia mediadora do processo de formação, pois permite que o professor teça novo olhar sobre si mesmo e sua ação, confrontando teorias, criando conflitos, provocando transformações.

Para Paquay e Wagner (2001, p.150), “o registro em vídeo de fato deixa uma marca: ele permite uma auto-observação retransmitida, repetida. É uma memória que estimula a reflexão e a análise, individualmente ou em grupo”, constituindo-se em importante instrumento de ligação entre teoria e prática. Perrenoud (2004) considera que a videoformação, isto é, o uso do vídeo como estratégia formadora, constitui-se em procedimento facilitador da tomada de consciência do professor sobre si mesmo e sobre o outro.

Assim, em contexto de formação e co-construção de conhecimentos, passamos a discutir as ações que embasam o exercício da reflexão crítica tendo por base a aula gravada em vídeo.

Processo de reflexão da aula gravada em vídeo

Refletir é ação inerente ao homem, isso quer dizer que todo ser humano pode realizá-la. Porém, não é qualquer tipo de reflexão que leva o homem a pensar sobre o que é, o que faz e como poderia fazer melhor.

Na perspectiva da pesquisa colaborativa, a reflexão crítica é instrumento indispensável para que os docentes adquiram condições de interpretar suas ações. De acordo com Contreras (2002), a reflexão crítica permite que os professores analisem suas práticas e produzam transformações em si mesmo. Uma das formas de análise das práticas é a utilização de aula gravada em vídeo. Esse recurso, segundo Romero (2002), possibilita melhor compreensão do contexto em que os professores atuam, gerando discussões apoiadas em dados reais diretamente observáveis. Para esta autora, assistir a própria atuação em vídeo, assim como a dos colegas, representa fonte significativa de aprendizagem, uma vez que oportuniza o estabelecimento de relação entre teoria e prática, levando em conta o contexto em que esse processo ocorre.

No processo de análise das práticas, entretanto, é importante compreender que a reflexão crítica não acontece de forma aleatória, mas de forma sistematizada, envolvendo questionamentos que direcionam as ações que orientam o exercício reflexivo. Smyth (1992), com o objetivo de sistematizar esse processo, propôs que a

realização da reflexão crítica deve ter por base as ações de descrever, informar, confrontar e reconstruir.

Na ação de descrever o docente faz descrição das ações realizadas sem a preocupação de emitir opinião sobre elas, nesse contexto, ele apenas descreve concretamente o que faz. Romero (1998, p.54) destaca que a descrição “pode enfocar ações conscientes e rotineiras sucedidas em sala de aula” [...] É por meio dessa ação que o docente entra em contato com os conhecimentos e princípios que regem sua prática. As ações propostas por Smyth (1992) podem, segundo Contreras (2002), Liberali (2004), Romero (1998), ser acompanhadas de vários questionamentos. Assim, a ação de descrever, de modo geral, é realizada a partir de resposta à pergunta: o que fiz? E de forma mais específica pelas que seguem: Qual o assunto da aula? Por que ele foi escolhido? Quantos alunos havia na aula? Qual a série/ faixa etária dos alunos? Quais os objetivos da aula? Como a turma foi organizada? Como você iniciou a aula? Que atividades foram desenvolvidas? Como foi a participação dos alunos nas atividades (ativa/passiva)?

A ação de informar, segundo Liberali (2004, p. 91), “envolve uma busca pelos princípios que embasam (consciente ou não) as ações”. É forma de explicação feita às ações realizadas, procurando compreender e trazer à tona as teorias geradas e absorvidas ao longo do exercício profissional. Essa ação é respondida, em linhas gerais, pela pergunta: Por que fiz? Podendo, conforme essa autora ser acompanhada das perguntas: Os objetivos da aula foram atingidos? Como os objetivos foram atingidos? Como foi sua postura como professora? A que concepção de ensino está relacionada a sua aula? Por quê? Qual foi o papel do aluno nas atividades? Por que ele teve esse papel? Qual o seu papel na aula e nas atividades? Por quê? Como você trabalhou o conhecimento (transmitindo, construindo, co-construindo)? Por quê? Houve interações? Qual o objetivo delas?

Para confrontar, de acordo com Liberali (2004), é preciso buscar as inconsistências da prática, entre preferências pessoais e modos de agir. É nessa ação que as teorias que embasam a ação docente são questionadas, podendo ser transformadas. A questão central que embasa essa ação é como cheguei a ser assim? Outras questões subsidiam esse questionamento inicial, como: De que forma a aula contribuiu para a formação dos alunos? Que tipo de homem sua forma de ensinar ajudou a construir? Sua forma de ensinar privilegiou a que interesses? Quais as vantagens e desvantagens dessa

aula? Como você chegou a ser assim? Que teorias contribuíram para você elaborar a aula dessa forma?

A ação de reconstruir, para Estefogo (2001, p.32), “refere-se à tomada de ações propriamente dita”. Neste espaço, o professor tem condições de refletir e compreender que as práticas não são imutáveis, devendo, portanto, serem refletidas para serem transformadas. A pergunta: como fazer diferente? Acompanhada das ações específicas relacionadas a seguir, fundamenta o exercício dessa ação. O que faria diferente nessa aula? Qual a contribuição pedagógica da mudança na sua forma de ensinar? Que relação existe entre sua ação de ensinar hoje e a realizada antes das sessões? O que deve ser feito para mudar?

Desta forma, a reflexão crítica embasada por essas ações e tendo como instrumento de análise a aula gravada em vídeo, possibilita ao professor adquirir informações concretas sobre o que faz, como faz e porque faz. Nesse processo, ele se distancia de sua ação para observá-la, discuti-la com os pares, refletir e transformar sua prática.

Tendo clareza de que a observação de si mesmo não é ação própria dos processos reflexivos vivenciados pelos docentes, discutimos a seguir os sentimentos apontados por um grupo de professores ao terem sua aula gravada em vídeo.

O olhar sobre si mesmo

O vídeo é instrumento que possibilita o olhar para si mesmo como profissional e como pessoa. Entretanto, olhar-se, mostrar-se para os colegas como se é realmente, é ação difícil, refletir sobre a própria aula não é exercício fácil. De acordo com Romero (2002, p. 99), “assim que os professores sabem que terão suas aulas gravadas medo e conflito se instalam”, o que representa processo natural, porque não estão acostumados a se mostrar, a se revelar.

Na pesquisa que estamos desenvolvendo em nível de mestrado, utilizamos a videoformação como procedimento metodológico de análise da prática. O recurso do videoteipe de aula gravada das professoras partícipe desta pesquisa representa instrumento de análise crítica em que as colaboradoras manifestaram sentimentos de conflito e ansiedade. Embora essas professoras tenham concordado em gravar as suas aulas para torná-las alvo da reflexão. No momento em que as filmagens ocorreram, elas se sentiram constrangidas. Os enunciados que seguem explicitam esses sentimentos:

CONCEIÇÃO: - Eu nunca fui filmada, no início estava, assim, um pouco nervosa, depois passei a agir naturalmente.

NATIVIDADE: - A sensação é que a gente está fazendo tudo errado.

DACI: - Achei estranho, pois havia uma pessoa a mais na sala de aula, observando e filmando.

SHIRLENE: - Apesar do filmador me deixar bastante à vontade, acho que fiquei um pouco inibida, talvez não estivesse tão natural.

VERÔNICA: - No início dá uma sensação estranha como se eu não fosse eu, depois, com o decorrer do tempo vai se tornando natural e é legal, principalmente ver os alunos exatamente como eles são na maior parte do tempo.

Um trecho da sessão de reflexão revela de forma mais viva esse conflito:

VERÔNICA: - O texto tinha a ver com o conteúdo, mas eu percebi, minha amiga, que você tava muito tímida no começo, o filmador te atrapalhou? O Eduardo lá te filmando não é que te atrapalhou, mas te deixou, assim, meio sem segurança, eu percebi isso.

A professora relata como se sentiu no momento da filmagem:

CONCEIÇÃO: - Mas quem é que não fica? Eu nunca tinha sido filmada, assim, dando aula, ai, no momento que ele chegou, ai meu Deus! Acho que tudo a primeira vez você tem uma sensação diferente e, ai, com o tempo, você vai se desenvolvendo, vai perdendo o medo, vai se explicando melhor, ai, se torna familiarizado. [Risos]. Vocês observaram, que teve um momento que eu no decorrer da aula estava, assim, pegando no nariz, eu estava nervosa e a aula teve pontos negativos e positivos.

Estas partícipes expressam em seus enunciados certos constrangimentos com a presença do filmador. O nervosismo, a inibição, a preocupação em estar fazendo certo ou errado foram sentimentos registrados. Magalhães (2004) considera que esses aspectos são inerentes ao processo de trabalho com o vídeo e que os conflitos existentes são necessários para que se criem espaços de negociação e transformação.

Romero (2002) ressalta que a utilização de questões orientadoras do exercício de reflexão crítica, como as que já mencionamos, no momento de análise do vídeo, ajuda a tornar mais claro o objetivo das discussões fazendo os docentes compreenderem que a

finalidade da análise não é a emissão de juízo de valor, não é considerar a aula certa ou errada, mas tecer novo olhar sobre a prática, a fim de que ela venha a ser transformada.

O vídeo, portanto, pode se constituir em recurso importante e necessário para a análise da prática pedagógica, pois por meio dele o docente aprende a olhar para si mesmo, a descobrir-se, a transformar-se, conforme observamos em uma das sessões de reflexão que realizamos com esse grupo de professoras. Após a exibição do vídeoteipe, a professora Conceição iniciou a reflexão, dando ênfase à ação de descrever:

FRANCISCA: - Como vocês estão percebendo, hoje, nós vamos realizar nossa primeira sessão de análise do vídeo. Nós já fizemos a análise intrapessoal com a professora Conceição e, hoje, nós vamos analisar o vídeo dela. As questões que iremos utilizar como base para essa reflexão são essas que vocês estão recebendo aí, são as mesmas ações usadas para reflexão do texto sobre ensino, descrever, informar, confrontar e reconstruir, sendo que as questões específicas são diferentes, por estarem mais relacionadas à prática, como vocês podem observar. Assim, a professora Conceição é quem, inicialmente, vai apresentar a aula dela para vocês e, depois, iremos refletir coletivamente.

CONCEIÇÃO: - Eu planejei essa aula, uma aula interdisciplinar, envolvendo Português, Matemática, Ciências, situações-problema, interpretação de texto, montagem de texto e até uma cruzadinha e a aula foi dada para a faixa etária de alunos de sete a oito anos. Eu cheguei na sala de aula e comecei com a agenda, logo em seguida, fiz a chamada, fiz a correção da tarefa de casa e observei um ponto negativo em mim, porque, primeiramente, eu tinha que ter passado um visto nos cadernos e eu primeiro fiz a correção, depois foi que passei o visto e por sinal, tinha até uma criança que não tinha feito. E o assunto que eu trouxe foi o estudo de um texto que trata da galinha azul, porque eu estava dando o substantivo, singular e plural, masculino e o feminino e eu até cantei uma música, o galinho, e aí peguei o texto chamado galinho pra gente interpretar e até tirar as características da galinha também. E eu fiz a exposição do texto com cartazes, a gente fez a leitura coletiva oralmente e depois distribui o trabalho em grupos, dividi em grupo as crianças para cada qual trabalhar com atividades diversificadas na qual teve a interdisciplinaridade com outras disciplinas porque envolveram Português, Matemática, Ciências. E distribui nos grupos e sempre havendo a interação e eu sendo a mediadora e eles mesmos faziam a integração perguntando um para o outro. Eles estavam interagindo. Então, no momento que você faz um trabalho como esse, que você trabalha com atividades diversificadas, você vê que o desenvolvimento da criança se torna melhor, porque você não deve trabalhar no

individual né, é interagindo que se proporciona um desenvolvimento melhor para a criança. Você vai jogando questões e ele responde e suas idéias vão se desenvolvendo, e o menino vai tendo mais gosto em participar do grupo. No início do ano letivo as crianças não tinham essa integração em grupo, mas eu comecei a fazer esse trabalho assim e as crianças começaram a se integrar e a se desenvolver melhor. Eu notei algumas desvantagens também. Eu notei que eu errei na hora que tava dando o plural na correção de frases da tarefa de casa, pois fiquei em dúvida na questão do estão ser escrito com am e não existe esta palavra com am, só o estão com ão mesmo. Nós sabemos que ele é um verbo irregular que varia muito o radical. A gente como professor não é o dono do conhecimento, não tem tudo pronto na cabeça, a gente erra, a gente é falho. E quando a gente erra deve ter a humildade de procurar novamente, pesquisar e fazer correto com os alunos. Cada dia que passa você se aperfeiçoa mais nos conhecimentos.

Após esse enunciado a professora fez uma pausa, aproveitamos o momento para retomar a reflexão direcionando-a para algumas questões.

FRANCISCA: - Percebemos que a professora Conceição começou a fazer a descrição de sua aula, já mencionou vários pontos, mas eu gostaria de saber quais os objetivos da sua aula.

A professora reinicia a discussão:

CONCEIÇÃO: - O objetivo dessa aula, eu fiz leitura, fiz a resolução de situações problemas, né, nós fizemos a leitura coletiva, a leitura apontada, a leitura oral; em ciências, eu fiz uma listagem, também fiz uma atividade para eles escreverem o nome de animais com penas, porque tinha o texto da galinha ruiva e a galinha é animal.

Percebemos que a professora se desvia do questionamento, continuando com a descrição das atividades já mencionadas por ela, assim, tivemos que retomar a questão.

FRANCISCA: - Sim, mas qual é o objetivo de sua aula?

CONCEIÇÃO: - O objetivo dessas atividades é para que as crianças percebam e tenham uma aprendizagem até melhor, que elas possam se integrar mais, ver que a gente pode trabalhar a diversidade de atividade na sala de aula e não uma atividade para a turma toda.

Francisca: - Mas quer as crianças se desenvolvam melhor em que aspectos?

CONCEIÇÃO: - No processo de aprendizagem deles. No pensamento crítico deles. Eles desenvolverem a mente, porque quando você faz uma atividade diferente,

chama mais a atenção do aluno, e quando você faz a interpretação de texto, meche com a cabecinha deles, eles vão pensar para poder responder.

Nesse momento, outra partícipe interfere, fazendo uma pergunta:

VERÔNICA: -Mas essas atividades elas iam melhorar a questão da leitura deles e da escrita?

CONCEIÇÃO: - Com certeza, porque à medida que foi uma interpretação de texto, eles estão só raciocinando, aí, quando você faz a interpretação, eles escrevem, aí, você se torna mediador no momento que você está lendo juntamente com eles, fazendo questionamentos, já vai facilitar para que o aluno se desenvolva criticamente, né, e na escrita.

A professora fez, novamente, outra pausa, retomamos a discussão para que a professora comente sobre a participação dos alunos na aula.

FRANCISCA: - E como foi a participação dos alunos nas atividades?

CONCEIÇÃO: - Eu achei que todos os objetivos foram atingidos, porque todos os grupos responderam todas as questões que eu coloquei, então, para mim, houve êxito, houve desenvolvimento nessas atividades, teve aproveitamento.

Como a professora não respondeu ao questionamento que lhe fizemos, repetimos novamente a pergunta:

FRANCISCA: - E a participação dos alunos nessas atividades foi ativa ou passiva?

CONCEIÇÃO: - Ativa, porque quando você interage com o grupo, a interação é ativa porque eles estão ali participando na ação deles.

VERÔNICA: - Conceição, eu queria lhe fazer uma pergunta, quando você iniciou sua aula, você iniciou com uma música, mas estava tão ruim o áudio que não deu pra gente ouvir, qual era a música?

A professora repete a música, cantando-a:

CONCEIÇÃO: - Há três noites que não durmo, lá, lá, pois perdi o meu galinho, lá, lá. Coitadinho, lá, lá, do bichinho, lá, lá, ele faz quiriquirei. Ele é branco e amarelo, lá, lá, tem a crista vermelhinha, lá, lá, ele faz quiriquirei. Eu escolhi essa música até em relação ao próprio texto que nós estávamos estudando, no caso, masculino e feminino, singular e plural e a galinha é feminino e o galo é masculino. [Risos].

FRANCISCA: - Por que você organizou a aula dessa maneira?

CONCEIÇÃO: - Eu fiz até como professora, para ter uma nova estratégia de mudança, para não ficar naquela rotina. Eu disse: hoje, eu vou fazer uma aula para ver se esses meninos participam, mesmo, para ver se eles se desenvolvem melhor. Hoje, eu vou fazer, assim. Essa aula foi diferente, eu achei que foi boa, gostei e

percebi que houve interação das crianças e desenvolvimento, pois quando a gente faz atividade, assim, em grupo, eles se desenvolvem, um ajuda o outro, um faz parceria com o outro e os mais fortes ajudam os mais fraquinhos e eles ficam sempre se questionando.

Outra partícipe, até então, em silêncio, faz referência ao comentário da professora Conceição.

SHIRLENE: - A senhora disse que fez uma aula diferente, então, a senhora não faz sempre assim?

Conceição: - Não em grupo, diariamente, assim, não. Às vezes, eu faço, às vezes, eu não faço, porque nem todo dia a gente pode fazer atividade em grupo.

SHIRLENE: - Sim, mas [...]

A professora não permite que sua colega complete o pensamento e continua falando.

CONCEIÇÃO: - Sim, você quer saber se nesse dia eu fiz atividade diversificada na qual teve ciências. Quando estou dando um texto de ciências, nesta semana, eu peguei um texto, a pomba e a formiga; e estava dando animais vertebrados e invertebrados. Era um texto de Português, aí, coincidiu desse texto ter a pomba e a formiga, aí, fui falar de animais vertebrados e invertebrados, bateu de acordo com o que eu estava dando na sala, aí, eu fiz a interdisciplinaridade, fiz a lista de animais vertebrados e a lista de animais invertebrados, porque o texto de português estava batendo junto com o que eu estava propondo.

SHIRLENE: - Então, seu objetivo era fazer uma revisão de conteúdos, que eles já tinham visto dentro de todas as disciplinas [...].

CONCEIÇÃO: - Nós sabemos que nossa prática é guiada pela teoria, então, o professor tem estratégia para elaborar qualquer atividade para trabalhar com os alunos de modo que a gente possa ampliar e possa ver o desenvolvimento melhor na criança.

SHIRLENE: - É, mais significativo, então?

CONCEIÇÃO: - É mais significativo com certeza.

EDUARDO:- Vocês entenderam o que ela quis fazer diferente?

CONCEIÇÃO: - [Risos].

[Risos].

Os enunciados da professora Conceição e Shirlene fizeram o grupo ficar pensativo. O foco da discussão era novo, porque não tínhamos observado que a aula

vista no vídeo se tratava da revisão de assuntos já trabalhados pela professora. Nesse processo as professoras continuaram a refletir sobre o videoteipe.

Com estes enunciados, percebemos que refletir não é ação fácil, porque exige respeito pela idéia, pela ação do outro, pelo que o outro é como pessoa, como profissional. A prática vista e analisada por meio do vídeo permite o desnudamento de idéias, teorias e ações até então não reveladas concretamente. Esses aspectos levam os professores a refletirem sobre o que fazem, sobre o como fazem e porque fazem, possibilitando maior clareza de suas limitações e dos aspectos que precisam ser transformados. É esse olhar sobre o que somos, fazemos e pensamos que proporciona a tomada de consciência da docência como atividade profissional.

Referências Bibliográficas

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

ESTEFOGO, Francisco. **Reflexão crítica: caminhos para novas ações**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999.

LIBERALI, Fernanda Coelho. As linguagens das reflexões. In: MAGALHÃES, Maria Cecília C. **A formação do professor como um profissional crítico**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. A linguagem na formação de professores reflexivos e críticos. In: MAGALHÃES, Maria Cecília C. **A formação do professor como um profissional crítico**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Sousa. Perspectivas e dimensões da formação do trabalho do professor. In: SILVA, Aínda Maria Monteiro; MACHADO, Laêda Bezerra; MELO, Márcia Maria de Oliveira; AGUIAR, Maria da Conceição Carrilho de. **Educação formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social**. Recife: ENDIPE, 2006.

PAQUAY, Leopold; WAGNER, Marie Cécile. Competências profissionais privilegiadas nos estágios de videoformação. In: PAQUAY, Leopold; PERRENOUD, Felipe; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Evelyne. **Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?** São Paulo: Artemed, 2001.

ROMERO, Tânia Regina. Reflexões sobre a auto-avaliação no processo reflexivo. In: CELANI, Maria Antonieta (Org). **Professores e formadores em mudança: Relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____ **A interação coordenador e professor: um processo colaborativo?**. Tese de doutorado. PUC: São Paulo, 1998.

RIBEIRO, Ricardo. Dez princípios sobre professores e formação de professores. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org). **Trajetórias e perspectivas de formação de educadores**. São Paulo: UNESP, 2004.

SMYTH, J. The teachers work and politics of reflection. **American Educacional Research Journal**, v.29 (2), pp.267-300.